

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira
necessidade do Homem. Danton

REPRESENTANTE

Em Lisboa

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Avanca, Povoa Paço, Oliveira, Bonsucroso, Esgueira, Mataducos, Taboira, Estarreja, Vilarinho e Angeja.

Fundador: J. J. Nunes da Silva

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Colónias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal de maior
circulação na sua terra.

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O mais desenvolvido noticiário de todas
as terras da região.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de
qualquer individuo

ECOS & NOTÍCIAS

PLANTIO DE VINHA

Para esclarecer aos nossos prezados assinantes e leitores o Decreto 27.285, de 21 de Novembro findo, diremos o seguinte:

«—Para as acções a seguir mencionadas, exige-se *autorização da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas*.

—Mediante essa autorização, pode-se reconstituir as vinhas plantadas, desde que não aumente a área das mesmas.

—Como consequência, pode-se plantar em terreno próprio as vinhas que se destruírem em terreno impróprio.

—Para as uvas de mesa, ou para vindo destinado ao consumo de casais agrícolas, de proprietários que não cultivem vinhas, pode-se plantar pequenas vinhas, que não excedam um milheiro de vides.

—Pode-se plantar vides para ramadas, ou barbos junto das habitações, ou nos arruamentos de hortas e quintais.

—É permitido fazer plantações para *vinha de qualidade* em terrenos identicos aos que já produzem.

—Fica *suspensa* o arrancamento dos bacelos (impôsto até agora pelo Art.º 3.º da Lei n.º 1891) em terrenos de várzea.

—Fica *suspensa* a proibição dos vinhos de produtores directos».

TAXAS MILITARES

Durante os meses de Janeiro e Fevereiro estão em pagamento as taxas militares. Depois deste prazo, são elevadas ao dobro e relaxam depois do dia 5 de Abril.

CONCISÃO DE DISCURSOS...

Há uma tradição religiosamente observada em França que exige que todos os banquetes terminem por um ou mais discursos.

Na Inglaterra há o mesmo costume mas com a diferença que o espírito calmo e conciso dos ingleses tem por habito não abusar da paciência dos ouvintes.

Assim o banquete anual de um club de Londres terminou por onze aloquções, mas todas de via reduzida vencendo o record de sete minutos e meio em que foram pronunciados.

Os oradores menos profixos pronunciaram duas ou três palavras apenas—«Muito obrigado!».

Sempre práticos, estes ingleses. Pois que, ovelha que berra, bocado que perde...

Este número foi visado pela Comissão de Censura à Imprensa de Aveiro

PROSÁPIAS

Veem de longe as prosápias. E' um artigo mais do que barato, que inunda o mundo, mas apenas de consequências aparentes. Já antigamente essa palavra assentava arraias, lavrando a descrença e abafando a verdade do que quer que fôsse. Hoje, e mais do que então, o homem continua a apossar-se da prosápia, espalhando-a e usando-a como instrumento de valôr. Entretanto, e cada vez mais, quanto mais a prosápia avança, maior é o desprêso e indiferença com que ela é olhada. Desvalorizou-se, tornou-se estéril.

O basofeiro cai no ridiculo, amesquinha-se, mas como dá entoação à sua voz e toma um ar grave, julga sêr acreditado.

Tenhamos em vista a disparidade de opiniões que nos surgem de qualquer país. Uns, porque isto ou aquilo tem valor, outros porque não tem, e quem ouve fica indeciso, sem saber no que deve acreditar.

Há ainda os que lá fóra, fazendo gala e à sombra duma autoridade balôfa, disparam aos quatro ventos noticias tendenciosas estudadas a seu bel prasêr. O efeito é aparente. Gosam-no, mas apenas entre os cenários que as suas fantasias piutaram. A verdade resalta com factos, e êstes contrapõem-se de forma peremptória ás fumaças saídas

das cinsas dum monumento:— a Prosápia.

Da Rússia, apesar da labareda que quer estender-se e dos mil e um casos que comprovam a irreflexão de ideias e a anarquia em que lá se vive, irradiam noticias doiradas, como se dum Paiz de Sonho elas viessem.

Na Espanha cantam victórias os vermelhos espanhóis e seus irmãos russos e francêses, apesar da derrocada eminente, prestes a subjugarlos. E uma vez mais a verdade resalta com factos, postos a claro pelas verdadeiras victorias dum puro Nacionalismo.

No entanto, o basofeiro continua a dizêr das suas, fazendo ouvir e inventando frases sonantes e arrojadas que, quais ondas do mar, já quebradas, se arrostam numa praia aos pés duma creança...

Aveiro, 22—XII—36.

N. do A.

Cesar

No meu ultimo artigo *Nevoeiro em Londres*, publicado no ante penultimo numero, saíram diversas gralhas, que bastante o mutilaram.

Assim, e referindo-me ás principais, onde se lê: —Henguras—iscutando-se— patente—tanto—Céus, deve lêr-se: fleugma—isentando-se—potente—tenta—Deus.

SUPLICA DA ARVORE

Tu que passas e levantas para mim o teu braço, antes de me fazeres mal, olhando-me bem.

Eu sou o calor do teu lar, nas noites frias de inverno.

Eu sou a sombra amiga, que te protege contra o sol ardente do verão. Meus frutos saciam a tua fome e acalmam a tua sede.

Eu sou a viga que suporta o telhado da tua casa, as tabuas da tua mesa, a da cama em que descansas.

Eu sou o cabo das tuas ferramentas, a porta da tua casa. Quando nasceste tenho madeira para o teu berço, quando morrer, em forma de ataúde ainda te acompanharei ao seio da terra.

Eu sou um operario infatigavel, cujo salário é pago pelo céu e que nunca pede folga. Eu faço mananciaes, faço oxigenio, faço saúde, faço passarinhos, faço o encanto da paisagem, faço a Patria.

Eu sou pão de bondade e fiôr de beleza.

Se me tens amor, como mereço, defende-me contra os insensatos!

ECOS & NOTÍCIAS

MAJOR GASPAR FERREIRA

E' no próximo dia 6 que em Aveiro passa o seu aniversário natalicio o sr. major Gaspar Ferreira ex-governador civil do nosso distrito.

A S. Ex.ª os nossos cumprimentos e fazendo os melhores votos pela sua preciosa existencia.

O «ECOS DE CACIA» E A SUA EXPANSÃO

Coadjuvando-nos no nosso entendimento e para que o «Ecos de Cacia» progiga na sua vanguarda de progresso, deram-nos a honra de suas prezadas assinaturas para o mesmo, os srs.:

Manuel José Valente, José Maria Tavares, Francisco Euzébio Pereira, Acácio Fernandes Nina, António da Silva Diogo e Américo Martins Pereira.

COBRANÇA

Avisamos todos os nossos assinantes, de que vamos proceder à cobrança de tôdas as assinaturas referentes ao 14.º semestre. Pedimos a todos os nossos prezados amigos e de um modo especial áqueles cuja cobrança se faz pelo correio, a fineza de satisfazerem o seu débito logo que lhe sejam presentes os recibos ou avisos do correio, a fim de nos evitarem a repetição de despeza, o que antecipadamente agradecemos.

O TEMPO

Depois de uma semana de verdadeiro inverno, voltou-nos a visitar um sol primaveril. Que a todos os nossos conterrâneos veio encher de ânimo para proseguir na faina das suas sementeiras. Continuando é certo, (fruta do tempo) tanto de manhã como á noite a sentir-se um frio que a tôda a gente faz andar sem querer.

1936—1937

Comessou ontem sexta-feira, um novo ano, o de 1937.

Fechando-se pois, (ante-ontem), um novo ciclo de tempo, da rotação da terra em volta do sol, que se marca de 365 dias—quando não haja a acrescentar-lhe mais um ao que for bissexto.

1936 deixou-nos e ficará êle legado ao passado com a abominação de tôda a gente. Ano nefasto ao qual poderíamos escrever num epitáfio—se de alguma personalidade se tratasse—apenas o seguinte: — «A terra lhe seja leve, porque não nos deixou saúde alguma».

Salvé, pois, o novo ano de 1937.

A Resposta do Governo Português

ao memorial da Inglaterra e da França sobre a mediação em Espanha

Tendo sido successivamente publicadas as respostas dos Governos russo, alemão e italiano ao memorial dos Governos inglês e francês acerca da guerra de Espanha e apparecendo em jornais estrangeiros apreciações que denotam conhecimento, embora imperfeito, dos termos em que o Governo Português redigiu a sua resposta, facultou-se a publicação desta.

1. Nas Memorias entregues, com data de 5 do corrente, pelos Governos de S. M. Britânica e da Republica Francesa são apresentadas ao Governo Português as duas sugestões seguintes:

a) A declaração de resolução firme de renunciar desde já a qualquer acção directa ou indirecta que possa conduzir a intervenção estrangeira na luta de Espanha;

b) O anuncio da sua intenção de dar instruções ao representante na Comissão de Londres no sentido de tomar em consideração medidas immediatas de fiscalização efectiva sobre todo o material de guerra destinado a Espanha.

Com estas duas sugestões é o Governo Português também convidado a associar-se aos dois referidos Governos e aos outros a quem identica nota foi dirigida, para uma oferta de mediação, mediação, com o fim de permitir a Espanha dar expressão commum à vontade nacional, ou, no diserto da nota do Governo francês, collocar o país, no seu conjunto, em termos de exprimir a vontade nacional.

Aparecendo agora em publico uma versão das propostas que lhes dá maior amplitude e deixa supor que outras consultas e iniciativas se realizaram além das annunciadas, mas de que o Governo Português oficialmente não teve conhecimento, dispensa-se este de fazer-lhes qualquer allusão e limita a sua resposta aos pontos acima indicados.

2. As mais generosas intenções se confessam nos documentos citados como estando na base das sugestões e convite apresentados aos Governos alemão, italiano, russo e português: invocam-se expressamente os interesses da Paz, da salvaguarda da civilização europeia e da Humanidade. Cumpre examinar se os meios propostos não colidem com as circunstancias criadas e em si próprios podem contribuir para aqueles fins.

3. O Governo Português, que pela sua situação geografica se reconhecia especialmente qualificativo para fazer ideia da questão de Espanha, foi o primeiro a chamar a atenção para certo numero de factos e circunstancias que, devidamente examinados, acima das preocupações e preferencias politicas internas de alguns. Estados, teriam permitido a todos ajuizar com justeza do caracter do movimento revolucionário espanhol. Não só porque o seu ponto de vista não foi imediatamente perfillhado, mas porque os seus interesses na peninsula não são comparaveis aos de qualquer outra potencia, o Governo Português, sem deixar de acompanhar a acção que se pretendeu exercer com o accordo de não-intervenção e depois com a comissão de Londres, formulou reservas e condições, as quais, pelo facto de não terem ainda sido postas em jogo, não por isso deixaram de ter para elle plena validade. Essas reservas e condições caracterizam de certo grau de inde-

pendencia a sua politica em relação a Espanha e em tudo quanto possa considerar necessário para «defender a paz interna, salvaguardar as vidas, haveres e liberdade dos cidadãos, assegurar a integridade e independencia nacionais». (Nota portuguesa de 21 de Agosto de 1936).

Isto quer dizer que o Governo Português tem de examinar todas as propostas que se referiram à luta em Espanha num plano que lhe permita conciliar os interesses da Paz e da Humanidade com os interesses vitais (pois estes os não pode sacrificar a nenhuns outros) com a seriedade que deve presidir às relações entre povos e com a dignidade propria do Governo de cada país.

4. O accordo de não intervenção foi uma declaração pública e solene da vontade de numerosos Governos de não intervirem no conflito espanhol. Varios puseram em destaque, como devendo ser evitadas, as formas de intervenção indirecta, e entre estas o recrutamento de voluntários e as subscrições publicas para fins de guerra. Sem suspeitar que algum Governo se haja comprometido sem propósito ou desejo de cumprir, os factos que precederam tal accordo já o tinham condemnado a insuccesso, como infelizmente se provou.

A renovação agora proposta do mesmo compromisso, quando persistem as mesmas circumstancias ou algumas destas se modificaram em favor de uma das partes por acção dos mesmos que haviam de abster-se de contribuir para o agravamento do mal, nada poderia significar perante o Mundo, senão forte golpe nos processos diplomaticos que vêm sendo seguidos com pertinácia contra a verdade das coisas. Daí adviria nova causa de desprestigio para os Governos interessados.

O Governo português entende não ter sido a falta de afirmações publicas que deu lugar à participação efectiva de elementos estrangeiros na luta de Espanha; antes, pelo contrario, que foram as declarações de homens responsáveis em alguns países, claramente favoráveis a uma das partes, que conduziram, por natural opposição de ideologias, outras nações a afirmar a sua preferencia pela outra parte.

5. O Governo português que se esforçou por cumprir com correcção os compromissos tomados e ao definir estes foi mesmo mais longe do que muitos outros, abstando-se de actos de intervenção indirecta largamente praticados por alguns não levanta no entanto qualquer objecção a publicar outras medidas ou a tomar por via legislativa as que administrativamente adoptou no sentido de dar execução ao espirito do primitivo accordo. Inspirar-se-á para tanto nas legislações que venham a ser promulgadas noutros países, como ele ligados ao accordo de não-intervenção.

6. As novas instruções pedidas e a dar ao representante do Governo português na Comissão de Londres e a que acima se fez referencia levantam as seguintes objecções:

a) Por-se-ia diante de todo o Mundo, o que aliás foi desde o principio convicção do Governo português, e por expressa confissão dos interessados, a inefficácia ou insuficiencia da Comissão constituída e em actividade com a responsabilidade de numerosos Governos; e se bem que se esteja por demais habituado ao fracasso dos processos

seguidos para estudo e resolução de dificuldades internacionais, parece não serem de aconselhar actos que mais cavam o prestigio dos Governos e fazem perder aos povos a confiança para a obra de consolidação da Paz entre os povos e no seio dos povos;

b) o estudo e concelho por parte da Comissão de «medidas immediatas a fim de se exercer uma fiscalização efectiva» estariam dentro da sua competencia, como desde o principio foi definida e aceita; a execução de tais medidas directamente pelo «Comité» ou por orgão dele delegado estaria fora dessa competencia e transferiria para aquele atribuições proprias e em certo modo inalienaveis, dos Governos. Os factos desenrolados desde o accordo de não-intervenção, as pressões politicas internas que não deixam a alguns Governos inteira liberdade de acção, o envenenamento da atmosfera internacional, carregada de paixões das massas a que nem todos os Governos são estranhos, não permitiriam senão apparencias de imparcialidade, com grave dano da justiça.

7. Portugal, que não é produtor de armas, nem, ameaçado como se encontra pelo comunismo internacional, poderia ceder a outras as armas que possui, oferece limitadissimo interesse no caso do fornecimento de armamento para o Exercito espanhol, como fez notar na sua declaração de 15 de Agosto, se os países produtores cumprirem o estipulado no accordo. Mas dará instruções ao seu representante na Comissão de Londres para, em harmonia com as considerações anteriores e de colaboração com os outros representantes dos governos, estudar as medidas que cada um deve tomar. Não poderá, porém, comprometer-se a fazer-se substituir na fiscalização das suas leis internas por outrem que não sejam as legitimas autoridades portuguesas.

8. Entendem os governos britânico e da Republica Francesa que novo esforço deveria ser feito no sentido de aliviar as penosas condições existentes em Espanha, e com este fim se faz o convite ao Governo Português para se associar a uma oferta de mediação.

O povo português não pode ser considerado, nem através da sua Historia nem pelas suas qualidades actuais, como povo a quem sejam estranhos os sentimentos de Humanidade. Basta dizer que, por disposição constitucional, tem a arbitragem como meio proprio de derimir os litigios internacionais e que não tem nos seus códigos a pena de morte nem mesmo contra os assassínios. Tem, porém, o dever de distinguir os sentimentos de humanitarismo que para evitar uma pequena violencia contra os malefiores sujeita as pessoas de bem aos malefícios dos grandes criminosos. O Governo Português tem receio, e declara-o abertamente, de que se continue com uma falsa ideia do conflito espanhol e deste erro originario provenha a sugestão de medidas que, umas após outras, estão condemnadas ao insuccesso.

Precisamente o que é que se pretende?

Pode pretender-se em primeiro lugar minorar a situação angustiosa em que por motivo da guerra civil se encontra a população de Espanha. O Governo Português não tem relações com o chamado Governo de Valencia

e tem visto este perder successivamente todas as características de um Governo regular, de direito ou de facto. Por outro lado, não reconheceu ainda o Governo de Burgos. Mas não tem melindre em se associar a outras potencias para continuar a obra que vem realizando, e contribuir para que a mesma se alargue, em beneficio da população espanhola de qualquer dos lados, sem distincções, embora pela situação militar em todos os territorios adjacentes à fronteira portuguesa os nossos auxilios humanitarios tenham sido entregues ás autoridades nacionalistas. Reconhece-se vasto o campo para uma acção internacional, que, em viveres, artigos de vestuario, remedios, intercessão pela população não combatente, direito de asilo firmemente respeitado e tratamento de prisioneiros, poderá ser realizada por humanidade e até por oxigencia da justiça.

Pode pretender-se em segundo lugar que as potencias acordem no sentido de proteger os vencidos, de ajudar a reconstituição da Espanha depois da guerra e até de conseguir que o governo vitorioso o seja de todos os espanhóis, com longanimidade e justiça. Ainda será humanitario e relevantissimo este esforço.

Se finalmente, como se insinua, se deseja oferecer a mediação ás duas partes para terminar o conflito por meio de acto eleitoral, oferece-se com a melhor das intenções um serviço justificavel, se se reduz o problema de Espanha á luta armada de dois partidos politicos pela posse do Poder, incompreensível se, como supomos, ali se assiste á luta de duas civilizações ou de uma civilização contra a barbaria. A cessão da luta por qualquer forma que não seja a victoria iniludível e indiscutível de algum dos contendores, seguida daquelle governo forte mas generoso de que a Espanha carece, é aliviá-la de um flagelo, sem duvida grande, para a deixar esmagar dentro de pouco tempo por outro maior e sem remedio. Com tal tática não pode concordar o Governo português, e sente que as ideias neste sentido postas a correr, aliás sem justificação conhecida, são já em si um perigo para a civilização occidental.

A proposta de mediação, embora de intuitos humanitarios, affigura-se ao Governo português uma tentativa destinada a não obter exito, o que equivale a dizer, destinada pelo seu malogro a exacerbar, se ainda é possível, as paixões. Nem os mediadores propostos são tidos por neutros ou imparciais nos campos em luta; pelo contrario, a posição jurídica em que perante eles as partes em conflito se encontram é fundamentalmente diferente.

O que importa ver em Espanha não é a guerra, e a paz; não são os horrores da luta, as mortes e sofrimentos que esta traz, a perdoar e a esquecer, mas os crimes perpetrados quando não havia luta e onde ainda não há luta—crimes que não interessam ao desfecho da contenda senão porquetraduzem uma orientação, uma doutrina, uma politica. E não parece justo dar um passo que possa vir a garantir a liberdade e até uma situação politica aos seus fautores. Isto em nome da humanidade.

O Governo português não se atreve, em virtude do exposto, a dar a sua adesão a essa aparen-

REMOQUES

Muitas tabernas se fecham?
Muita gente não compra vinho?
O comércio de vinhos tende a paralisar? E porque? Quereis sabê-lo, almas candidas!... almas immaculadas de taberneiros??? Quereis saber o motivo porque isso succede? porque a venda é pouca? e porque as tabernas se fecham, cansando a atrofia do vosso comércio? É simplesmente por isto: ainda há pouco tempo vós vendíeis o vinho a \$60 o litro, e hoje vendei-lo á aqui-estupenda quantia de 1\$80!!! Por isso o Diário de Notícias diz, e diz muito bem:

«Primeiro, foi o vinho, que ainda há pouco mais de um ano estava a \$40 e \$50 o litro—preço ruinoso para o vinicultor e consequentemente para o comércio—isto, digo eu: é certo)—e hoje atinge 1\$80 e 2\$00.— (Agora também eu digo: aqui, oh! almas candidas!... almas immaculadas de Taberneiros!!! aqui é que rezide o mal! E continúa: Efeito da lei da oferta e da procura? Talvez, mas, em grande parte, efeito duma especulação que não beneficia a vinicultura nacional.»

Pois não, não. Isso sei-o eu muito bem, como toda a gente.
—Oh! almas candidas!... almas immaculadas de taberneiros!!! e de vinhateiros também!!!

Séca & Méca.

Casamento

Teve lugar na Repartição do Registo Civil, em Aveiro, no passado dia 25 de Dezembro, o casamento da simpática menina Rosa Rodrigues da Cunha, filha do nosso amigo sr. Salvador Pereira de Azevedo e de Maria Luiza Rodrigues da Cunha; com o também nosso amigo sr. Guilherme Dias Pereira, filho do sr. António Henriques Pereira o (Adão) e Florindo Dias da Cruz; todos de Cacia. Aos noivos, que afixaram residência na Quinta do Loureiro, endireçamos as nossas felicitações, desejando-lhes um futuro próspero de que os mesmos noivos são dignos.

Padaria

Vende-se uma em Sangalhos, ou trespassa-se o alvará da mesma.

Quem pretender, dirigir-se a José Rodrigues Brandão.

(5) OLIVEIRA DO BAIRRO

VENDEM-SE Carvalhos para obras.

Nesta redacção se diz.

Leitores vejam a nossa 4.ª pagina

temente tão generosa, mas que, além do mais, se baseia numa confiança em actos eleitorais que ele não pode partilhar, que não atende à dificuldade invencível de garantir um minimo de liberdade aos que não usam o terror como arma politica, nem tem em conta o valor relativo das ideias e das posições morais. Mas se vier a convencer-se de que os contendores aceitam e desejam livremente a mediação proposta, de bom grado o Governo português se prestará a estudar com os outros Governos a forma que deveria tomar a acção mediadora encarada».

Lisboa, 11 de Dezembro de 1936

O CUSTO DA VIDA

Nos últimos dias os jornais de grande circulação têm publicado extensas notícias acerca da carestia da vida. De facto, ultimamente tem-se registado uma subida no preço dos generos, especialmente nos de primeira necessidade, que muito têm alarmado, e justamente as donas de casa e muito mais o povo trabalhador cujos salários mal chegam para seu sustento e dos seus.

Assim e porque o caso não era lá muito compreensível e ainda talvez porque a atribuíam a certas medidas tomadas pelo nosso Governo, o sr. vice-presidente do Conselho Técnico Corporativo falou, explicou vários motivos causadores da subida dos preços de certos generos e a certa altura garantiu:

O programa de reformas sociais começadas a executar desde a publicação, em 1933, do Estatuto do Trabalho Nacional, visa, como se sabe, a um levantamento progressivo das condições de vida das classes trabalhadoras, forçosamente lento, mas seguro e efectivo sem incorrer de nenhuma forma nos erros e nos excessos das aventuras demagógicas que noutros países têm provocado perigosos desequilíbrios da vida económica. Ninguém tem, portanto, o direito de supor que da aplicação das nossas reformas sociais e em especial da ditas o benefica da previdencia e elevação do nível de salários possa resultar aumento sensível das condições de produção e portanto do custo da vida.

Por aqui se vê que em parte não há razão para certos aumentos e para determinadas afirmações que podem classificar-se de tendenciosas.

Pelas afirmações do sr. dr. Luís Supico Pinto verifica-se que a política do salário mínimo continúa a ser seguida e que:

Cada medida obedece sempre a um estudo preliminar e cuidado e como o sr. subsecretário do Estado das Corporações já teve ocasião de dizer numa entrevista recente, não há o perigo do ciclo vicioso que noutros países se tem verificado. São já cerca de 150.000 os trabalhadores do comércio e da industria que beneficiam de salários mínimos, não tão elevados como algumas vezes se poderia desejar, mas representando sempre uma melhoria positiva e uma garantia contra o envilecimento do custo da mão de obra, que é uma causa de miséria social e de regressão do nível económico.

Além do salario minimo começam a funcionar as novas instituições de previdencia social, esboçam-se as primeiras tentativas para o salario familiar e surgem inumeras outras revelações da grande transformação que pacificamente se está efectuando.

() que se tem feito até ago-

CARTEIRA ELEGANTE

ANOS

Completo no passado dia 26 mais uma risinha primavera a menina Arminda da Silva Simões, interessante filha do nosso saudoso amigo e assinante sr. Artur Simões da Fonte e de sua esposa sr.ª D. Odilia Pereira da Silva, de Angeja.

—No dia 28 do passado passou o seu aniversário natalício da sr.ª Felismina Ferreira, dedicada esposa do nosso assinante e conterrâneo sr. Manuel Baptista Ferreira, empregado de panificação na cidade da Figueira da Fz.

—Também no dia 29 de Dezembro fez anos o menino Ventura Gonçalves de Silva Amaro, filho do nosso amigo sr. António Gonçalves Amaro, residente em Belem (Lisboa.)

—Festejou 39 aniversários no dia 31 o nosso amigo sr. Henrique Gerales, estimado comerciante em Lisboa.

—No passado dia 27, em Vizen, esteve em festa a casa do nosso prezado amigo e colaborador sr. Celestino Baptista da Silva, digno capitão de infantaria 14. pela passagem dos 51 aniversários natalícios de sua bondosa esposa sr.ª D. Sylvia do Nascimento Pereira Baptista.

—No dia 28 do passado, em Lisboa, festeja a passagem dos seus 46 aniversários, a sr.ª Maria Dias Guimarães, natural de Taboira e residentes naquela cidade.

—Em 29 de Dezembro, completou 52 anos o nosso estimado assinante e bom amigo sr. Mário Moreira, de Mataducos, empregado superior da Câmara Municipal de Aveiro.

—Também neste dia 29, completou 22 aniversários a menina Maria Simões Teixeira, irmã do nosso assinante e amigo sr. Manuel Simões Teixeira, empregado na panificação de Alcobaça.

—E no dia 30, também em Lisboa, festejou os seus 21 aniversários natalícios, a sr.ª Maria Emilia Figueira de Macedo, dedicada esposa do nosso estimado assinante sr. Imidio Pinto de Almeida, empregados na panificação daquela cidade.

—Em 31 de Dezembro completou 4 risinhos primaveras a simpática menina Violanta Natália Bastos Silva, filhinha querida do nosso solícito correspondente em Mataducos, sr. Arnaldo José de Sousa Silva, e de sua bondosa esposa sr.ª Amélia Ascensão Ribeiro Bastos.

—Também no dia 1 do corrente festejou os 56 aniversários natalícios, em Lisboa, a sr.ª D. Rosinda Nunes Soares, estreminosa esposa do nosso prezado assinante sr. António Nunes das Neves, naturais de Angeja.

—Também passa hoje mais um aniversário natalício a sr.ª Rosa Rodrigues da Silva, esposa do nosso amigo sr. António Joaquim Couto, sogros do nosso director e do nosso assinante sr. Manuel Francisco Corujo.

—Igualmente completa hoje 30 aniversários natalícios, a simpática menina Joana Nunes Marques, da Quintã, mana do nosso prezado assinante sr. José Nunes Marques, empregado da Padaria Lisbonense em Santarem.

—Amanhã 3 do corrente completa 46 aniversários natalícios, a sr.ª Laura da Conceição Almeida, dedicada esposa do nosso prezado assinante sr. Adolfo de Almeida, naturais de Esgueira, e conceituados industriais de padaria em Santa Iria.

—No dia 4, completa 4 risinhos primaveras o menino António Nunes Berbigão, filhinho do nosso amigo e assinante sr. Manuel Nunes Berbigão e de sua esposa sr.ª Rosa Dias Nogueira, de Angeja, conceituados e esti-

mados comerciantes em Algés. —Igualmente no referido dia 4 completa 27 anos de existência o nosso bom amigo José Baptista Ramos, de Sarrazola.

—No dia 5 do corrente conta mais uma primavera, 28, o nosso prezado amigo e assinante sr. Armando Nunes Ferreira, filho do nosso solícito colaborador sr. José Nunes Ferreira, empregado da Imprensa Nacional em Lisboa.

—Também no mesmo dia 5 faz 24 anos o nosso amigo sr. Manuel Dias da Silva Martins, de Angeja.

—Em 6 completa 9 verdes aniversários o galante menino António Pereira de Moura, filhinho querido do nosso estimado assinante e bom amigo sr. Manuel Pereira Júnior e de sua esposa sr.ª Rosa Simões de Moura, de Mataducos.

—Também no mesmo dia 6 completa 4 aniversários natalícios o menino José Maria Nunes da Silva Matos, filhinho do nosso assinante sr. Joaquim da Silva Matos e de sua dedicada esposa sr. Maria Nunes da Silva, conceituados industriais de panificação em Espinho, Paço Braudão e Estarreja.

—No próximo dia 7 em Tomar onde está empregado na Padaria Africana, festeja os seus 23 aniversários natalícios, o nosso amigo sr. Manuel Pereira Duarte, da Quintã.

Endereçamos muitos parabéns aos aniversariantes, formulando os melhores votos de ventura.

ESTADAS

Encontra-se em Lisboa, a passar as festas natalícias na companhia de seus filhos e netinhos, a sr.ª Joaquina Antunes Conde, estreminosa mãe do nosso bom amigo sr. Carlos Antunes Conde, proprietário da «Ginjinha Flor de Liz», no Campo das Cebolas, naquela cidade, e natural de Arouso Fundeiro (Alvares).

—Vindo da América do Norte, onde esteve largo tempo, acaba de chegar a sua casa do Cabeço de Cacia, o nosso estimado amigo sr. Manuel de Oliveira, marido da nossa conterrânea e assinante sr.ª Amélia Ramos.

—Também vindo da França, está em S. João de Loure desde a última semana, o nosso amigo sr. Carlos Nunes de Melo, que foi o portador de 50\$00 para pagamento da assinatura por um ano, do outro nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Nunes Nogueira, de Angeja, mas residente naquela capital a muito tempo.

—Em goso de 30 dias de licença, está em Cacia com seus pais, o nosso amigo e assinante sr. Manuel Dias Pereira, empregado na panificação de Alhandra.

—Também está na Quintã, vindo de Miranda do Corvo, onde estava empregado na panificação, o nosso prezado assinante sr. Eleutério Simões Carrelo.

DOENTES

Depois de sofrer uma malindrosa operação, a que foi submetido no hospital da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, encontra-se em vias de restabelecimento o nosso amigo sr. Domingos Tomaz da Guia, proprietário do importante Restaurante «Flôr do Ginjal», em Cailhas (Almada).

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

—Está quasi completamente restabelecida, o que muito folgamos, de uma doença que a ia tornando vítima, como oportunamente aqui dissemos, a sr.ª Albertina Nunes de Pinho, esposa do nosso amigo sr. Ventura

O CUSTO DA VIDA

ra a favor da gente de trabalho do comércio e da industria pode abranger em breve as populações rurais e porque o sistema de intervenção será sempre o mesmo é indispensável que êle seja compreendido com serenidade e que todos os que neste momento pedem que se mexa nos salários dos trabalhadores agrícolas estejam depois dispostos a ajudar a sério as correspondentes medidas.

Os organismos corporativos—diz—velarão, por seu turno para corrigir tão condenáveis abusos. E bom é que assim seja para se evitarem desmandos que encham de dinheiro os cofres de comerciantes pouco escrupulosos, para quem os parcos cobres do pobre são sólido alicerce de fortuna ganha muitas vezes por forma bem diversa daquela porque deveriam reger se e ainda com a agravante das suas aspirações egoistas, a indisciplina no meio trabalhador, pela critica acerrada e irrazoavel com que amesquinha a obra das governantes, lançando por isso mão de tôdas as armas, desde o boato à atar-da criminoso—processo vil, que merece o maior castigo.

Urge, pois, que o Governo da Nação, para bem de todos os que trabalham, aplique severos castigos, a êsses inimigos encapotados, da ordem e do bem estar geral.

Confiamos absolutamente nas medidas do Conselho Técnico Corporativo cuja acção, no dizer do seu vice-presidente «se vai desenvolvendo cada vez mais e sempre que for necessário virá a publico prestar esclarecimentos quando superiormente isso for julgado conveniente».

em quando só se ouvia o estalegar de foguetes.

Na Escola local, onde esteve içada a Bandeira Nacional, e exposta a árvore do Natal, foram distribuídas roupas a alguns dos alunos mais necessitados.

Felicitemos os promotores deste belo exemplo de bondade; pois agora mais do que nunca os pubresinhos precisam dêsse auxílio.

Bem haja aos digníssimos professores a sua benéfica iniciativa.—C.

REGRESSOS

Regressou a Lisboa, depois de passar alguns dias na sua casa da Quintã do Loureiro, a sr.ª D. Margarida de Jesus Carvalho, estreminosa esposa do nosso querido amigo sr. Manuel Rodrigues Carvalho, comerciante na capital. Que tenha feito uma feliz viagem, são os nossos desejos.

—Depois de uma pequena estada em Lisboa na companhia de toda a sua família, onde passou as festas natalícias, voltou à sua casa da Quintã no dia 28 do p. p. a menina Alzira Nunes de Pinho.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

RETIRADAS

Para o Dufundo, onde se foi empregar na panificação, retirou-se da Povoal do Paço, depois de ali estar algum tempo na companhia de sua esposa e filhos, o nosso amigo e assinante sr. António Maria Marques.

—Também com destino a Fornos de Algodres, onde é considerado industrial de padaria, se retirou daqui no passado dia 28 e acompanhado de sua esposa e filhinho, o nosso amigo e assinante sr. Manuel Rodrigues Teixeira.

VISITAS À REDACÇÃO

Na última semana deram-nos a honra de suas visitas os nossos prezados assinantes sr.ª José Maria Baptista Ramos, José Maria Ventura da Silva, Manuel Dias Pereira e Américo M. Pereira.

A todos êstes nossos amigos, os nossos agradecimentos.

NOTÍCIAS DE MATADUCOS

Quando na penultima semana andava caçando nas Marinhas o nosso prezado amigo sr. Manuel Martinho, em certa altura tendo disparado tiro, rebentou-lhe um dos cânos da espingarda, ficando o mesmo com o braço esquerdo muito ferido.

Sentimos o desgosto e felicitamos o nosso amigo sr. Martinho por ter escapado a uma morte instantanea.

Casamento.—Afinal o casamento dos tais pombinhos continua envolvido num mistério de bruxaria.

O diabo são as bruxas!...

O Natal.—Êste ano foi aqui muito festejado o dia consagrado à família, pois de vez

Armando Simões

MÉDICO

Doenças dos Órgãos Genitais Urinários Partos e Clínica Geral

Consultas todos os dias em Aveiro no consultório do sr. dr. Alberto Soares Machado. Em Cacia, as consultas são às terças, quintas e sábados, das 9 às 11, na rua Luís de Camões em casa de seu pai sr. Manuel S. Carrelo Chamadas a qualquer hora pelo telefone 195

EM

CACIA

No dia 6 de Janeiro de 1937

REALIZA-SE O TRADICIONAL CORTEJO

—DOS—

Santos Reis

Respeitando a Tradição que até aos nossos dias soube conservar hábitos e costumes que constituíram, e mui justificadamente, o orgulho dos nossos antepassados, e são, hoje, para nós, motivo de saudosas evocações, - realiza-se no dia acima designado, na nossa terra, o CORTEJO DOS SANTOS REIS, ao qual o "Grupo Musical Caciense" e o povo da Região dará, como nos anos anteriores, o seu admirável concurso. Para este efeito, elaborou-se o seguinte:

PROGRAMA

"O GRUPO MUSICAL CACIENSE"

Pelas 9 horas, irá a Vilarinho a fim de acompanhar as Pastoras da Pova e reuni-las às daquele lugar; dali, em cortejo, dirigir-se-ão tódas para o Largo da Capela de S. Tomé, em Sarrazola, onde se encontram com as deste lugar. Reunidas, assim, as pastoras dos lugares da Pova, Vilarinho e Sarrazola, o cortejo seguirá em direcção da Capela de Santo António do Rêgo em Cacia, onde, finalmente, se juntam às pastoras dos lugares de Cacia e Quintã do Loureiro.

Após o aparecimento do Rei Melchior e seu séquito, dar-se-á início à comovente cena do encontro desse Rei do Oriente com o sábio e prudente Rei Gaspar. Em seguida fará o seu saímento o majestoso

CORTEJO DOS SANTOS REIS

que seguirá pela rua Conselheiro Nunes da Silva até ao Largo do Espírito Santos, onde se dará a cena do desaparecimento da Estrela que guiava os Reis Magos, havendo as costumadas cerimónias sempre tão cheias de interesse para o público

De novo posto em marcha, o cortejo seguirá pa-

ra o Cabeço de Cacia onde irá surpreender próximo à Fonte, uma sentinela da Guarda Romana, que, imediatamente, comonificará a Herodes, o Grande, a presença de estranhos junto às suas muralhas. Herodes, irritado, manda o seu escravo Singo prender os Santos Reis, o que dará lugar a tocantes cenas de que nos fala a Tradição.

Findo o interrogatório dos Reis do Oriente, Herodes dá-lhes liberdade, pondo se por isso novamente, o cortejo em marcha, até à capela de S. Bartolomeu de Sarrazola, donde se dirigirá para o largo do Cruzeiro, sendo dado, então, ao público presenciar a alegre serimónia da aparição do Anjo Gabriel anunciando ao pastor Semião o Nascimento do Menino.

Durante o percurso as pastoras, entoarão lindos cânticos adequados ao acto.

Depois de recolhido o cortejo, o Senhor Prior dará o menino a beijar, seguindo-se a arrematação das muitas e valiosas ofertas, que todos os habitantes d'esta laboriosa e importante frêguesia, é de costume oferecer.

A COMISSÃO

CACIENSES:

Ajudai a Comissão das Pastorinhas a levar a efeito a obra de melhoramentos que vem realizando na nossa Igreja, porque essa obra deve-se unicamente ao produto das vossas ofertas.

A nova comissão para as festas dos Santos Reis

Um numeroso grupo de habitantes representado por todos os lugares desta frêguesia, na penúltima semana e em casa do sr. Conselheiro Nunes da Silva, em reunião, foi delberado que na forma dos anos anteriores a festa dos Santos Reis se realiza-se no próximo dia 6.

Desse grupo, que além de todos os lugares ali estava presente o nosso director, foi escolhido a seguinte Comissão:

Presidente.— Manuel Euzébio Pereira.

Tesoureiro.— Albino Nunes Teixeira.

Secretário.— Alberto d'Azevedo Vogais.

Cacia

Prior Dr. Florindo Nunes da Silva, Manuel Pedro Nunes da Silva, Manuel Simões Carrêlo, Manuel Rodrigues Cristino, Manuel Rodrigues Calafate, Manuel Rodrigues Vieira, Manuel Nunes Teixeira, José Simões Carrêlo, José Maria Nunes da Silva, Samuel da Costa Santos, João Pereira Duarte, Jacinto Ventura da Silva, António Gonçalves Nunes, José Rodrigues de Oliveira e Delfim Dias Pereira.

Sarrazola

Prior P.^o Manuel de Bastos Pereira, João Simões Costa, António Euzébio Pereira, João Euzébio Pereira, Manuel Simões Dias Constantino, Anselmo Figueirêdo de Almeida, António Rodrigues Neto, Manuel Simões de Moura, António Rodrigues Pardiña, Manuel da Silva Simões, António Rodrigues Carapinheira, Manuel Augusto Reis Carapinheira, Ventura Rodrigues Soares, João Duarte da Silva, Júlio Augusto e Manuel Simões Dias Quintaneiro.

Vilarinho

D. Maria Candida Couceiro da Costa, Manuel Marques Teixeira, António Gonçalves Teixeira, António Gonçalves de Sousa, Abílio Pires, João Rodrigues da Bela, Manuel Lopes da Cunha, João de Jesus, Florindo Nunes da Maia, Francisco Maria Afonso, Domingos Rodrigues da Bela, Manuel Amaro e José António Dias da Cruz.

Pova do Paço

José Simões Costa, José Dias dos Santos, Manuel Joaquim Afonso, José Lopes dos Santos, António Afonso Barbosa, viúva de Manuel Afonso Barbosa, José Simões da Cunha, Artur Nogueira de Pinho, António Nunes Pereira, Manuel Rodrigues Barbosa Neto, Manuel Maria Miranda, José Maria Miranda e António Maria Marques.

Quintã do Loureiro

Manuel Martins Simões, Manuel Maria Nunes Teixeira, José Marques Damião, João Barreiros de Macêo, Manuel Dias Pereira Silvestre de Faria, viúva de Hilário Ventura da Silva, Bernardino Ferreira Vieira, Clemente Simões Nunes e Alfredo Pereira Duarte.

E' de esperar de espírito religioso do povo desta frêguesia e em especial de todos os membros desta Comissão que todos de bom grado saibam corresponder à confiança que neles se deposita ao ser indicado o seu nome para tão honrosa missão, de fôrma a poderem conseguir os meios precisos para o engrandecimento da nossa Igreja.

Ler e propagar o nosso jornal é um dever de todo o cidadão

IMPRENSA

"VIDA DE CRISTO"

Segundo os Evangelhos e as revelações de Catarina Emmerich.

Encontra-se em distribuição (Largo do Picadeiro, 10, Lisboa) o fascículo n.º 8, desta ilucidativa obra. Todos os factos nêlê mencionados revestem o maior interesse. Destacaremos, porém, as notas fornecidas sobre as construções navais do tempo e primeiros ensaios de telescopia. Pelos esclarecimentos fornecidos, vêmos que os fluctuadores dos modernos hidro-aviões tiveram como precursores longínquos, certas adaptações náuticas, desti-

nadas a manter o equilibrio das embarcações daquela época.

As curas de Tariquesia, não mencionadas no Evangelho e epteqese dialogada do Mestre, merecem-nos, também, particular interesse.

Agradecemos o exemplar offecido.

Padaria

TRESPASSA-SE uma bem montada no centro de Cortegaça, cozendo 150 k.º de farinha trigo, e 75 em milho, tendo todos os seus documentos legalizados. Informar nesta redacção. (2)

O nosso correio

335—Recebemos seu postal que agradecemos, pois o bom amigo não tem nada que estar grato pela notícia que aqui demos, pois como sabe, a nossa missão é sempre agradável a todos os nossos assinantes.

324—Temos presente seu postal, pois o jornal já na última semana seguiu para a nova direcção.

36—Recebemos seu postal, estranhando bastante que só agora nos faça a rectificação na sua direcção, já mais, sendo como é, assinante do nosso jornal desde o seu primeiro número. Pois mande sempre.

O Aqueduto dos Salgueiros

Continua no mesmo estado de impedimento do transitio por aquele lado, o rombo de que à tempo aqui temos chamado a atenção do digno presidente da Junta de Paroquia da nossa frêguesia; sem que até esta data tenhamos sido atendidos como é de justiça.

Então quando é que as entidades competentes mandam fazer a devida reparação no referido aqueduto?

Cá esperamos impacientes.